

Enigmas Anônimos

As exposições das esculturas de Sérgio de Camargo talvez merecessem todas um subtítulo por si só elucidativo: Os Paradoxos do Método. De fato o que impressiona, pronta e ininterruptamente, é a força lírica, quase barroca às vezes, que resulta de uma estrita combinatória de elementos geométricos. Cortados em ângulos diversos, tais elementos não apenas revelam as mais surpreendentes possibilidades de articulação como acabam engendrando figuras estranhas, incógnitas e desconcertantes. Ficamos assim diante de uma espécie de Enigmas Anônimos. Não sendo produtos de um drama expressivo, pois recorrem à racionalidade metódica, é impossível imputá-los aos caprichos ou elucubrações da imaginação subjetiva.

Podemos, quem sabe, apelar para uma imaginação geométrica universal que se exerceria aqui no grau máximo de tensão e ousadia. E também a um nível de seleção estética tão rigoroso quanto singular. Em nenhum momento o artista comete arbítrios e interfere na lógica específica dos elementos - como algarismos matemáticos, o trabalho se processa sozinho. A poética de Camargo, no entanto, consiste exatamente no desafio ao método, no questionamento incessante da ordem - só atraem e interessam as combinações insólitas que apontam a origem instável e inesgotável da ordem. A pulsação e o aleatório da ordem, o brilho e a surpresa de sua emergência.

Há, naturalmente, a presença constante e algo inesperada do mármore. No caso, a matéria é mais do que escolha adequada: é parte constitutiva da inteligência do trabalho. O corte da máquina, a tendência serial dos elementos, operam sobre o material por excelência da tradição plástica ocidental. O que, à primeira vista, seria contraditório - o confronto abrupto entre a natureza e indústria se impõe como a mediação necessária e suficiente para sustentar as manobras modernas de uma escultura que, no limite, parece reinventar a passagem do descontínuo para o contínuo.

Sem artifícios ilusionistas, as peças de Camargo como que desafiam explicação, inverossímeis. Resultados de cálculo preciosos e exíguos, elas se mostram refratárias à noção comum de unidade formal. Visá-las quer dizer imediatamente decifrá-las; decifrá-las contudo não significa simplesmente descobrir o agenciamento particular de cada escultura. O todo adquire uma potência metafórica que permanece sempre em suspenso, vigente e indecível. De um modo heterodoxo dentro da tradição construtiva, a obra de Camargo afirma o poder substantivo, anti-alusivo da metáfora - metáforas de si mesmas essas esculturas tomam irresistivelmente um aspecto, singelo ou complexo, de interrogação. O seu apelo estético seria, a meu ver, de espécie dubitativa. No seu próprio vir-a-ser comparece reiterada e imperiosa a pergunta: isto, isso ou aquilo?

Mas semelhante vocação dubitativa só detém força de atração intensa e resistente graças à presença concreta e convicta das esculturas como obras de arte autônomas. Concentradas sobre si mesmas, desdobradas e refletidas sobre si mesmas, as esculturas de Camargo conquistam seu lugar no mundo quase por *implosão* do espaço ao redor. O seu notório poder de irradiação luminosa - positiva nas brancas, negativa por assim dizer nas peças negras - tem a impulsão-lo justamente o núcleo de tensão estrutural que define e distingue o trabalho. É no jogo aberto e universal de elementos geométricos anônimos, portanto, que o artista vai buscar uma possível e problemática identidade subjetiva moderna. Daí esta *lírica* do mutável e do inquieto; mas daí também o pathos de distância, aurático mesmo, característico da obra.

É evidente que o método combinatório foi assumindo, ao longo dos anos, uma forte conotação de *ascese* e, sem adjetivos ou afetações, ganhando autêntica dimensão existencial. O projeto aqui engaja e incorpora o destino. A produção de arte não será expressão da subjetividade, tampouco deixará de ser porém a projeção e construção incessantes, prospectivas, como pulsão e história.

Ronaldo Brito

contemporânea